

## A INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, E A VISÃO DO PSICOPEDAGOGO NA PRÁTICA DOCENTE

**Lazara Denici Araújo Guimarães** <sup>1</sup>

Prof<sup>a</sup> Orientadora Ana Maria Soek

### RESUMO

A presente pesquisa científica apresenta uma reflexão teórica, com base em pesquisa de campo à cerca dos problemas enfrentados na educação infantil quanto a indisciplina, como normas e limites, entendendo esse processo com uma visão psicopedagógica. O objetivo a ser alcançado é expor os motivos pelos quais as crianças necessitam de regras e limites desde o primeiro contato com o ambiente escolar, tendo como base uma reflexão sobre diferentes sentidos, em busca de compreender as formas de melhor adaptação transmissão e aceitação por parte dos educandos, com o intuito de encontrar meios para sanar essas dificuldades. Através de estudos teóricos e pesquisa de campo. Buscando soluções através de métodos estudados e análises, para o problema indisciplina na educação infantil. Realizou-se uma revisão bibliográfica com base em emTelma Weisz (2006), BOSSA Nadia A (2007), Lisboa (2006), entre outros.

Palavras – chave: Indisciplina, psicopedagogia, métodos, educação

### SUMMARY

This scientific research presents a theoretical reflection, based on field research to some of the problems in early childhood education as a discipline, as norms and limits, understanding this process with a psychoeducational view. The objective to be achieved is to expose the reasons why children need rules and boundaries from the first contact with the school environment, based on a reflection on different directions, seeking to understand the ways to better adapt transmission and acceptance of the students, in order to find ways to remedy these difficulties. Through theoretical studies and field research. Seeking solutions through study methods and analysis to the problem of indiscipline in early childhood education. We conducted a literature review based on emTelma Weisz (2006), BOSSA Nadia A (2007), Lisbon (2006), among others.

Key - words : indiscipline , educational psychology , methods , education

---

<sup>1</sup> Monografia apresentado como um dos requisitos para obtenção do título de Especialização em Educação Psicopedagogia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Ana Maria Soek conforme folha de aprovação em anexo. Graduada em Pedagogia, funcionária pública Municipal da Educação, da cidade de Aparecida de Goiânia Goiás Lazara Denici Araújo Guimarães. E-mail lindalazara32@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, onde a tecnologia tem se desempenhado de forma espetacular se adentrando até aos lares de classe mais baixa, nota-se cada dia mais uma sociedade sendo criada sem regras, limites e respeito.

Percebe-se uma sociedade que pede socorro, apelando até mesmo para programas de televisão, um grande exemplo disso é o programa Super Nany, apresentado por algumas emissoras de tv nacionais e internacionais.

É notável dizer que esse socorro tem sobrecarregado professores que acabam recebendo a incrível missão de tornar-se pai e mãe, além de educadores. Percebemos em nosso dia a dia que as crianças estão nascendo em instituições falidas que ainda insistem em chamar de família, onde os aparelhos eletrônicos agora fazem o papel de pai e mãe.

Sendo assim optou-se pela realização deste estudo considerando a seguinte problemática: De que forma o tema indisciplina vem sendo tratado na educação infantil. Analisando assim métodos e conceitos aplicados durante atividades, e proposta de aprendizagem, com que frequência se destacou a falta de indisciplina intervindo assim o decorrer de atividades propostas. Foi feita uma pesquisa em campo em um CMEI Centro Municipal Educacional da cidade de Aparecida de Goiânia Goiás localizado em um bairro de classe baixa.

O objetivo geral do estudo: Tentou-se encontrar meios para sanar, auxiliar, solucionar parte da problemática indisciplina na educação infantil, para que assim tenhamos alunos disciplinados no futuro. Tendo como objetivo específico tornar a disciplina parte do processo de aprendizagem usando os CMEIs como base inicial para tal processo, com tudo foi feito de início como base principal uma pesquisa em uma sala de aula de uma turminha de dois anos de idade por ser a idade que as crianças mais imitam os adultos, tendo como base e referencial para o seu crescimento, analisando assim de que forma o ensino de regras, e limites, estão sendo incluídos em meio ao planejamento em sala de aula e atividades com o intuito de perceber quais métodos eram mais válidos e em que tempo.

O artigo apresenta-se em três capítulos que expõem inicialmente, uma revisão sobre a história da psicopedagogia e do processo de aprendizagem com base em estudos de Bossa (2007), Pasqualine (2010) dentre outros autores renomados que abordam sobre a temática e ainda conta com a soma de Referenciais Curriculares Nacionais para educação infantil Formação pessoal e social volume II (1998), seguindo da coleta de informações adquirida em campo e considerações finais.

### 1.1 A HISTÓRIA DA PSICOPEDAGOGIA E DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Psicopedagogia é a área do conhecimento que estuda como as pessoas constroem o conhecimento. Em outras palavras, busca interpretar como acontece o processo de construção do conhecimento nos indivíduos. Assim, ela se propõe a: identificar os pontos que possam, por algum motivo, estar impedindo essa aprendizagem; para poder atuar de maneira preventiva e evitá-los, ainda, propiciar estratégias e ferramentas que possibilitem facilitar esse aprendizado.

A Psicopedagogia busca na psicologia, psicanálise, psicolinguística, neurologia, psicomotricidade, fonoaudiologia, psiquiatria, entre outros, o conhecimento necessário para aprender como se dá o processo de aprendizagem nos indivíduos.

É preciso, em tempo, desfazer o equívoco de que a psicopedagogia é a fusão da pedagogia com a psicologia, ou vice-versa. Ela vai além dos conhecimentos específicos de ambas as áreas, como dissemos anteriormente.

A psicopedagogia tem como ponto inicial o estudo da aprendizagem humana, que nasceu de perguntas sobre as dificuldades de aprendizagem, localizado além dos limites da Pedagogia e da Psicologia. De acordo com (BOSSA. 2007. p. 38)

Atualmente a psicopedagogia se divide em: Psicopedagogia Clínica e institucional. A psicopedagogia surgiu na Europa, mais precisamente na França, em meados do século XIX, onde a Medicina, a Psicologia e a Psicanálise, começaram a se preocupar com uma opção nos problemas de aprendizagem e suas possíveis retificações. A corrente européia influenciou o começo da psicopedagogia na Argentina, e a mesma influenciou a identidade da psicopedagogia brasileira.

O século XX foi marcado pela expansão dos sistemas educativos das nações industrializadas, sendo a educação básica obrigatória em praticamente todo o mundo. O avanço das ciências da educação levou gradativamente as questões das dificuldades escolares para o sistema educativo regular, já que estas implicam em uma multiplicidade de causas cuja localização pode centrar-se no aluno, na família, no meio social, na escola, assim como nas características da própria criança, sua interação familiar e social, o processo ensino-, a partir da demanda de atendimento `as crianças com distúrbios de aprendizagem e o próprio sistema. A psicopedagogia surgiu no Brasil Por volta dos anos 70 contribuindo assim para uma maior reflexão sobre o processo de aprendizagem e o desvio do mesmo. O termo psicopedagogia distingue-se em três conotações como prática, campo e investigação do ato de aprender e como (pretende-se) Um saber científico. Não tem significado de psicologia escolar ou psicologia educacional. É uma área de estudos recente , a soma de articulações de conhecimentos dessa e de outras disciplinas, indicando novos caminhos para resultados de articulação de conhecimentos dessa e de outras disciplinas

Para tanto, duas formas de atuação são propostas dentro da formação do psicopedagogo. A atuação da psicopedagogia clínica, visando o atendimento clínico a partir de uma investigação para compreender o significado, a causa e a modalidade de aprendizagem do sujeito, com o intuito de sanar suas dificuldades. Já a atuação psicopedagógica institucional, assume o compromisso com a melhoria da qualidade do ensino expandindo sua atuação para o espaço escolar, atendendo, sobretudo, aos problemas cruciais da educação no Brasil. No ambiente escolar, o psicopedagogo se utiliza de instrumentos especializados, sistemas específicos de avaliação e estratégias capazes de atender aos alunos em suas individualidades e de auxiliá-los nas atividades diárias na escola. Este profissional assessora a escola, alertando-a para o papel que lhe é conferida, além de reestruturar a atuação da própria instituição junto aos alunos e professores, seja redimensionando o processo de aquisição e incorporação do conhecimento dentro do espaço escolar, quanto ao encaminhamento de alunos para outros profissionais. A psicopedagogia abrange um outro campo do conhecimento que é a produção científica, que a partir da estrutura de seus estudos sistematiza um enorme leque de questões, que abre um vasto campo de investigação de fenômenos envolvidos no processo de aprendizagem humana. Portanto, a formação do psicopedagogo, se fundamenta a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394/96 que assegura que a educação, e dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Compreende-se que entender a indisciplina na educação infantil vai muito além da pedagogia e da psicologia no apreender no fenômeno educativo. Segundo(Bossa 2007.p,29):[...] Devido à complexidade do seu objeto de estudo, à psicopedagogia é um importante leque de identificação de conhecimentos específicos de diversas outras teorias,as quais incidem sobre os seus objetos de estudos, por exemplo:

\*A psicanálise encarrega-se do mundo inconsciente, das representações profundas, operantes por meio da dinâmica psíquica que se expressa por sintomas e símbolos, permitindo-nos levar em conta a face desejante do homem;

\* A psicologia social encarrega-se da constituição dos sujeitos, que responde às relações familiares, grupais e institucionais, em condições sócio culturais e econômicas específicas e que contextualizam toda a aprendizagem;

\*A epistemologia e a psicologia genética encarregam-se de analisar e descrever o processo construtivo do conhecimento pelo sujeito em interação com os outros e com os objetos;

\* A lingüística traz a compreensão da linguagem como um dos meios que caracterizam o tipicamente humano e cultural: a língua enquanto código disponível a todos os membros de uma sociedade, e fala como fenômeno subjetivo, evolutivo e historiado de acesso à estrutura simbólica;

\* A pedagogia contribui com as diversas abordagens do processo ensino- aprendizagem, analisando-o do ponto de vista de quem ensina;

Os fundamentos da neuropsicologia possibilitam a compreensão dos mecanismos cerebrais que subjagam ao aprimoramento das atividades mentais, indicando-nos a que correspondem, do ponto de vista orgânico, todas as evoluções ocorridas no plano psíquico.

Compreende-se que essas áreas fornecem meios para refletir cientificamente e operar no campo psicopedagógico que pode ser preventivo e clínico. Esta pesquisa visa aprofundar-se no enfoque preventivo. Avalia-se que essas áreas, nos fornecem caminhos para refletirmos cientificamente e

praticarmos, isto é, intervirmos no campo psicopedagógico de forma clara e objetiva. Resume-se de forma cautelosa as principais metas das demais áreas:

A psicanálise dirige-se aos conhecimentos de Sigmund Freud com o principal objetivo de recorrer na compreensão dos diversos sintomas apresentados pela criança, o termo sintoma remete-se ao uso psicanalítico. O problema ou dificuldade de aprendizagem enquanto sintoma compara -se, na sua totalidade como sintoma conversivo, ou seja, observa-se que diante as patologias que surgiam no corpo e que não podiam ser explicadas pela medicina, Freud chega à noção do inconsciente não se manifesta de forma direta, mas aparece através das fraturas: o chiste, o lapso, o ato falho, o sonho e o sintoma. Entende-se a psicanálise como ciência do inconsciente, permiti-se a compreensão do sintoma enquanto problema de aprendizagem percebendo -o como uma manifestação humana carregada de um significado.

Entende-se que a psicopedagogia, engloba a reflexão perante as dificuldades de aprendizagens, apresentadas como demanda pela escola, em uma preocupação diária com o saber e como este saber é transmitido para que ocorra aprendizagem. Tendo como ponto de partida que a verdadeira aprendizagem é aquela que se incorpora a nossa vida. Reflete-se que não aprendemos apenas para saber, mas para melhorar em qualquer sentido, para crescer, seja no físico, na saúde, no intelecto, na vida moral ou social, econômica, ou artística surge, então, o novo conceito de aprendizagem: aprender é modificar-se na escola e na vida. Afirma-se que o objeto de estudo principal nesta área é a aprendizagem, sendo um processo contínuo, no qual, há uma absorção gradativa do que vai ser aprendido pelo aluno para o qual são necessárias pré-condições que as favoreçam. Embora esse seja um processo contínuo, entendendo que pode sofrer alterações ou mesmo apresentar dificuldades e tornar-se flutuante em determinado momento ou situação vivida pelo aluno. Verifica-se que são crescentes os problemas ligados as dificuldades de aprendizagem. A pedagogia embasada em estudiosos conceituados como: Piaget, Vigotsky, Freinet, Ferreiro, Teberosky e outros tem sido insuficiente para prevenir ou intervir nesses casos.

Segundo Porto (2007, p. 110), o campo de atuação da psicopedagogia é a aprendizagem, e sua intervenção é preventiva e curativa, pois se dispõe a detectar problemas de aprendizagem e “resolvê-los”, além de preveni-los, evitando que surjam outros. No enfoque preventivo, o papel do psicopedagogo é detectar possíveis problemas no processo ensino-aprendizagem; participar da dinâmica das relações da comunidade educativa, objetivando favorecer processos de integração e trocas; realizar orientações metodológicas para o processo ensino-aprendizagem, considerando as características do indivíduo ou grupo; colocar em prática alguns processos de orientação educacional, vocacional e ocupacional em grupo ou individual. Além disso, deve observar como ocorrem as relações de poder, o que interfere nas relações interpessoais dos diferentes grupos, e como estes procuram dar conta dos conflitos do dia-a-dia.

Sob essa visão tornou se ainda mais clara e presente quando no decorrer desta pesquisa de campo surgiram problemas diários, quanto a indisciplina como um dos exemplos que vamos citar de uma criança de 02 anos do CMEI no qual foi utilizado como pesquisa de campo a mesma está passando por um divorcio de seus pais entendendo que só a visão do pedagogo não foi capaz de encontrar meios para tentar sanar o comportamento agressivo do aluno com seus colegas, já com o auxílio de uma outra professora psicopedagoga, tornou se o trabalho bem mais fácil quando a mesma tentou avaliar o aluno e suas atitudes buscando em primeiro lugar mostrar a ele em forma de atividades que aquilo era incorreto proporcionando atividades como de abraçar, beijar e demonstrar carinho aos demais colegas diferente das que ele vinha praticando como empurrões, puxões de cabelo, e mordidas constante.

## 1.2 O AMBIENTE ESCOLAR E A INDISCIPLINA

A indisciplina tem sido um dos maiores fracassos no ambiente escolar nós últimos tempos diz pesquisas recente, A partir da década de 80. Professores brasileiros gastam em media cinco minutos por aula para manter a disciplina nas classes e o que aponta as pesquisas coordenada pela organização

pela cooperação e desenvolvimento econômico OCDE realizada em 2013 psicólogos escolares começam a refletir a respeito de suas próprias práticas e os estudos acerca dos problemas escolares começam também a considerar os determinismos sociais e as relações familiares e sociais estabelecidas pelos alunos.

A psicopedagogia institucional se caracteriza pela própria intencionalidade do trabalho. Atuamos como psicopedagogos na construção do conhecimento do sujeito, que neste momento é a instituição com sua filosofia, valores e ideologia. Portanto, o trabalho psicopedagógico, pode e deve ser pensado a partir da instituição escolar, a qual cumpre uma importante função social: a de socializar os conhecimentos, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta, dentro de um projeto social mais amplo. Afirma Bossa (2007,p.53)

Um outro agravante que tem se notado constantemente, e a crítica sobre o sistema que vai diretamente às diferenças de classes que sustenta que o modelo escolar, como se encontra, privilegia as classes sociais mais altas; as crianças mais pobres sofrem então um “choque cultural” ao se depararem com o conteúdo já estabelecido nas escolas, com os materiais e condutas que se mantêm distantes da sua realidade social, e até mesmo a falta de material para muitas atividades, o excesso de alunos em sala. A problematização passa a ser tanto a escola elitista como as disparidades de renda; os estudos pensam sobre mudar a realidade – num ponto de vista mais socioeconômico – e os psicólogos adquirem um olhar mais crítico, porém as intervenções destes profissionais ficam mais nas denúncias, leituras e apontamentos dos déficits que nas ações para modificar realmente alguma coisa. Neste ponto, falta-lhes um novo embasamento teórico que abrangesse um novo método, uma nova prática. Há, ainda, a crítica centrada na situação das escolas e professores. Com um discurso mais político-social que se pauta no baixo investimento direcionado às escolas públicas, no despreparo dos profissionais que lidam com os alunos, na falta de estrutura para um ensino de qualidade, na ausência de instituições suficientes para todos que precisam e nos baixos salários recebidos pelos professores, focam todo o problema em cima da incompetência estatal para lidar com questões relacionadas à educação de boa qualidade. Reçaímos, aqui, Marcos Mariani Casadore & Francisco Hashimoto Revista de Psicologia da UNESP 11(2), 2012 75 sobre o mesmo problema: a busca de algo deficiente e de uma única causa, ou seja, de um culpado por toda a complexidade de conflitos e problemáticas existentes no ambiente escolar. Todos esses tipos de abordagem do problema escolar acabavam sendo reducionistas, presos e limitados nas suas próprias concepções. Na tentativa de solucionar definitivamente os males do fracasso escolar e da indisciplina nas salas de aula, seus discursos jogavam tudo num só ponto passível de problemas enquanto, na verdade, esses pontos centrais de cada idéia seriam no máximo um fragmento da problemática total, entendimentos que se complementam numa mesma procura. É claro que um aluno pode ter problemas orgânicos que prejudiquem seu aprendizado, fazer parte de uma família com problemas que perpassem seus sentimentos e emoções, estar em relacionamentos que desestimulem sua participação na escola, ou mesmo fazer parte de uma instituição que tenha seus próprios problemas estruturais ou profissionais; mas ainda assim nenhum destes fatores é único e determinante dos problemas escolares atuais. O papel do psicólogo escolar centra-se bastante na elucidação dessa complexidade. Na tentativa de dar voz, estabelecer contatos e diálogos entre os principais envolvidos nos conflitos que acarretam questões mal resolvidas e conseqüentes “estancamentos” ou mal-entendidos no ambiente de ensino. Ao abordar, ao mesmo tempo, cada um desses fragmentos de problema e o conjunto complexo das problemáticas em questão, busca ali a resolução. Num trabalho junto aos alunos e professores, aliado à direção e aos pedagogos, a procura é multiprofissional, multifatorial e também solucionada em equipe. Abordemos, então, algumas das questões que envolvem as principais queixas escolares atuais: a indisciplina na sala de aula e a relação interpessoal.

É notável dizer, que quando se fala em ambiente escolar é indisciplina, não se pode resumir a um só fator determinante e sim a um conjunto de fatores que envolve o ambiente com perguntas constantes entendendo que a indisciplina no ambiente escolar é fator de uma geração de fatores.

Com isso, enquanto pesquisa de campo percebeu se que a turma não tinha uma rotina e que não era trabalhado combinados todos os dias e que em alguns momentos de atividades propostas pela pedagoga, na qual a mesma tentou passar atividades sobre a semana do folclore sem primeiro trabalhar a disciplina, e o que teria que ser feito além do o tempo necessário para ser feito e a ordem

dos mesmos, as crianças ficaram meio perdida sem conseguir entender muito bem o que estava acontecendo percebeu se naquele momento que e de máxima urgência que todo professor entenda que antes de qualquer atividade proposta em sala de aula desde a educação infantil temos que impor um tempo a ser feito, a vez de cada um os limites e regras da atividade e se possível premiações ao finalizar, uma das coisas que mais tem que ser trabalhada em sala e o tempo um relógio que mostre lhes que o tempo está acabando ou que já está no tempo do outro notou se ser de máxima importância.

### 1.3 BREVE HISTORICO SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LDB

De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) que regulamenta a educação no Brasil, de número 9.394, de 20/12/1996, denominada Lei Darcy Ribeiro, a educação é um direito de todos e um dever do estado e da família. Afirmando assim que e direito de toda crianças brasileira de zero a seis anos, que seja oferecidos centro educacionais ou CMEIS, “Centro Municipal de Educação Integral”. A avaliação deve ser feita através de acompanhamento e registros do desenvolvimento da criança, não sendo requisito para promover a criança ao ensino fundamental. Tendo como finalidade proporcionar o desenvolvimento da criança, envolvendo aspectos físicos, psicológicos, cognitivos e sociais, completando a ação da família e da comunidade. No que diz respeito aos profissionais da educação, a lei Darcy Ribeiro acrescenta que são assim chamados os docentes, os administradores de escolas, supervisores, e orientadores educacionais entendendo que educar se refere a todo ato que possa promover o desenvolvimento da criança em seus diferentes aspectos.

Conforme Craidy e Kaercher (2001, p. 13), as instituições pré-escolares surgiram no século XVIII, para atender crianças órfãs, cujos pais morreram na segunda guerra mundial e em resposta a situação de pobreza, abandono e maus tratos de crianças pequenas cujos pais trabalhavam em fábricas. Em relação às creches no Brasil, somente quando famílias de classe média procuraram estas instituições para seus filhos, é que estas receberam força de pressão suficiente para aprofundar uma discussão verdadeiramente pedagógica. Getúlio Vargas procurando regulamentar as difíceis relações entre patrões e empregados, cria então em 1943 a Consolidação das Leis de Trabalho (C-L-T) O contexto econômico e político de 1970 e 1980, marcado pela organização dos movimentos operários e feministas na luta pela democratização do país e combate à desigualdade social é que propiciou um vibrante movimento em prol da democratização da educação pública brasileira. Destas lutas, surge o reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.15).

Na educação infantil, é de fundamental importância que o educador conheça verdadeiramente os interesses e necessidades de cada criança, a fase de desenvolvimento que encontram no momento, a trajetória já vivida por cada uma, bem como conhecer a família. Buscando encontrar um ponto de partida e compreensão criando ambientes que possibilitem as crianças. menores um acompanhamento constante nas atividades, até mesmo para servir de estímulo para continuarem, já as crianças maiores podem auxiliar no planejamento das atividades.

O educador na educação infantil deve envolver gradativamente as crianças no sentido delas próprias executarem algumas atividades que as tornam independentes, tais como: cuidar de seus objetos, lanchar, escovar os dentes, utilizar o banheiro. Para que tais atividades sejam possíveis, a quantidade de crianças que ficam sobre a responsabilidade de cada educador também é relevante, pois, um grupo muito grande dificulta identificar as individualidades de cada um.

Segundo Vygotsky “no ser humano o desenvolvimento cultural se sobrepõe aos processos de crescimento e maturação orgânica” (apud PASQUALINI, 2001, p.165).

O maior desafio da Educação Infantil é adequar o potencial de desenvolvimento da criança, a recursos que lhes permitam se comunicar, e seguir entender e refletir construindo assim visões e valores.

Na Educação Infantil, o processo de construção de conhecimento pela criança deve buscar o desenvolvimento de atividades nas quais o lúdico esteja presente, pois

nessa fase, ela aprende fundamentalmente através de brincadeiras. Através das atividades lúdicas, as crianças desenvolvem a linguagem oral, a atenção, o raciocínio e a habilidade do manuseio, além de resgatar suas potencialidades e os seus conhecimentos. Desenvolve a imaginação, a espontaneidade, o raciocínio mental, a atenção, a criatividade, a expressão verbal e corporal (SALGADO; SOUZA, 2012, p.37).

Segundo a LDB “Lei de Diretrizes e Bases”- Seção II Da Educação Infantil Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30º. A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade. Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

#### 1.4 A Família e o ambiente escolar

A família e a escola formam uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir. Ressalta-se que mesmo tendo objetivos em comum, cada uma deve fazer sua parte para que atinja o caminho do sucesso. O ideal é que família e escola tracem as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade.

As crianças de hoje em dia não tem limites, não reconhecem e não respeitam regras, a responsabilidade é dos pais, que teriam se tornado muitos permissivos. (AQUINO, 1998, p.7).

A importância da colaboração da família é notória, pois, quando os familiares participam da vida escolar, torna-se mais fácil à integração dos alunos e melhora as relações professor/aluno no processo de ensino-aprendizagem. Os estudos que evidenciam o envolvimento dos pais estão positivamente correlacionados aos resultados escolares positivos dos educandos, são questões que merecem, por parte de todos os envolvidos, uma reflexão, não só mais profunda, mas também, crítica. É portanto, necessário refletir sobre os papéis que devem desempenhar nesse processo também a escola e, conseqüentemente, os professores, valorizando a fundamental importância da família na formação e educação de crianças e adolescentes.

Nesta perspectiva entendemos que os pais, não estão cumprindo o seu papel, como realmente deveria ser, ou seja, não impõe limites nos filhos, estes não têm princípios éticos e morais, acham que da maneira que procedem em casa, devem também proceder na escola; são pessoas indisciplinadas, que simplesmente não querem ter respeito por ninguém. De acordo com o autor a família não está cumprindo a função civilizatória básica, ou seja, não está criando um ser humano racional civilizado. Isto implica que se continuar assim, os valores morais estão ameaçados de extinção.

Hoje, a família não mais acredita em como a escola está lidando com a criança na parte disciplinar. É comum observar uma mãe que é chamada pela escola, que vem brava e desacredita do trabalho da instituição; fala mal da escola, do professor e equipe pedagógica na frente do aluno, que piora muito, ao invés de melhorar, o que era objetivo da conversa conjunta. Macedo (1994,p.195,196).

Nota se que Existem diversas contribuições que tanto a família quanto a escola podem oferecer, propiciando o desenvolvimento pleno respectivamente dos seus filhos e dos seus alunos. Alguns critérios devem ser considerados como prioridade para ambas as partes. Segundo Elen Campos Caiado Graduada em Fonoaudiologia e Pedagogia ao site educador.brasilecola.uol em 2015 . A família deve ter como base: Seleção selecionar a escola baseado no critério que lhe garanta confiança da forma

como a escola proceda diante de situações simples, dialogo dialogar com o filho o conteúdo que está vivenciando na escola, estabelecimento de regras cumprir regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea, deixar o filho resolver por si determinados problemas que venham a surgir no ambiente escolar, em especial na questão socialização. Valorização do contato com a escola, principalmente nas reuniões e entrega de resultados podendo se informar das dificuldades apresentadas pelo seu filho, bem como seu desempenho. \_Quanto a escola\_ deve cumprir a proposta pedagógica apresentada para os pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia-a-dia,propiciar ao aluno liberdade para manifestar-se na comunidade escolar, de forma que seja considerado como elemento principal do processo educativo, receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda, abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar de atividades culturais, esportivas, entre outras que a escola oferecer, aproximando o contato entre família-escola, é de extrema importância que a escola mantenha professores e recursos atualizados, propiciando uma boa administração de forma que ofereça um ensino de qualidade para seus alunos. A parceria da família com a escola sempre será fundamental para o sucesso da educação de todo indivíduo. Portanto, pais e educadores necessitam ser grandes e fiéis companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano.

O professor é um elemento fundamental no processo ensino aprendizagem, mas estas relações são envolvidas de outras situações, em que posições atagônicas sobre as dificuldades exigentes no ambiente escolar se confrontam, neste contexto apresentam-se discursos distintos: carência afetiva, influência da mídia, conforme afirma Vasconcelos (2004, p.84)

Em suma o professor, não está apenas para transmitir conhecimentos mas para solucionar e analisar situações dentro do ambiente escolar as quais estão prejudicando o rendimento escolar de seus alunos, e aí que nasce a psicopedagogia com todos seus estudos e análises, o que torna um professor psicopedagogo bem mais capaz de atuar em sala de aula.

#### 1.4.1 AGRESSIVIDADE NA FAIXA ETÁRIA DE 2 A 6 ANOS

Sobre a afirmação de que o ambiente familiar é um dos, senão o principal fator influenciador dos comportamentos agressivos de crianças, acrescentamos a contribuição de Lisboa (2006), que nos coloca que, mesmo no período pré-natal, a criança já sente se é aceita ou não e isso poderá ter consequência no comportamento do bebê, além de que “As crianças ricas ou pobres, produtos de gestações não desejadas, dificilmente receberão os cuidados necessários ao seu bom desempenho emocional”.

Lisboa (2006) ainda afirma que:

A criança com menos de 5 anos, institucionalizada em internatos, orfanatos, creches, hospitais ou em qualquer outro lugar que a afaste de sua mãe, poderá vir a ter problemas na estruturação de sua personalidade. A privação materna exerce seus efeitos deletérios desde a sala de partos até o final da infância (LISBOA, 2006, p. 59-60)

Entendemos, então, que não é o fato da institucionalização em si que afeta a formação da personalidade da criança, mas a privação materna, se, por outro lado, mesmo nestes ambientes, a criança for devidamente cuidada, como num lar equilibrado, os efeitos deletérios descritos terão menos possibilidade de ocorrer. Porém, a realidade atual de muitas dessas instituições não propicia esse cuidado, já que uma só pessoa, em geral a pajem, é responsável por cuidar de várias crianças ao mesmo tempo, quebrando o vínculo natural mãe-criança.

Patterson (1982) estudou a agressividade no ambiente familiar e verificou que nas famílias, em que não há demonstrações de aprovação e afeto, as crianças são extremamente agressivas. Também ambientes familiares coercivos, com punições, ameaças, provocações entre os membros familiares, contribuem para o desenvolvimento da agressividade nas crianças.

Sobre esse assunto, Lisboa (2006, p. 55) se manifesta, em linguagem contundente, afirmando: Eis como você cria uma criança violenta: ignore-a, humilhe-a e provoque-

a. Grite um bocado. Mostre sua desaprovação a tudo o que ela fizer. Encoraje-a a brigar com irmãos e irmãs. Brigue bastante, especialmente no sentido físico, com seu parceiro conjugal na frente da criança. Bata-lhe bastante. Eu adicionaria: ameace-a, castigue-a, engane-a, minta-lhe, seja permissivo, ensine-a que o mundo é dos ‘vivos’, vangloriando-se diante dela de atos dos quais deveria se envergonhar (...).

De acordo com Goodenough, (apud SHAFFER, 2005), a agressividade se diferencia em duas etapas: nas crianças de 2 a 3 anos as agressões são mais físicas, por meio de chutes e tapas, já nas crianças de 3 a 5 anos as agressões são principalmente verbais, como dar apelidos e rir dos outros colegas. Segundo Berger (2003, p. 202), as crianças são mais agressivas aos 4 que aos 2 anos, pois, “à medida que se tornam mais conscientes de si mesmas e de suas necessidades, as crianças têm maior probabilidade de defender seus próprios interesses”. Nessa busca pela defesa dos próprios interesses, a criança esbarra na questão dos valores morais, ou seja, naquilo que é aceito como moralmente adequado em determinada sociedade.

Tanto o desenvolvimento cognitivo quanto as experiências sociais ajudam a criança a desenvolver, de forma progressiva, uma compreensão mais rica do significado das regras, leis e obrigações interpessoais, à medida que adquire essas novas compreensões por meio de uma seqüência invariável de estágios morais, cada qual evoluindo e substituindo seu antecessor e representando uma perspectiva mais madura ou avançada sobre assuntos morais (SHAFFER, 2005).

Nesse sentido, Piaget (1977) descreve que a criança passa por um momento inicial em sua trajetória de desenvolvimento cuja característica é o egocentrismo, em que se julga no centro do mundo e que todos ao seu redor vivem em função dela. Este autor relaciona o egocentrismo infantil com o comportamento moral da criança:

O egocentrismo infantil, longe de constituir um comportamento anti-social, segue sempre ao lado do constrangimento adulto. O egocentrismo só é pré-social em relação à cooperação. É preciso distinguir, em todos os domínios, dois tipos de relações sociais: a coação e a cooperação, a primeira implicando um elemento de respeito unilateral, de autoridade, de prestígio; a segunda uma simples troca entre indivíduos iguais. [...] A coação alia-se ao egocentrismo infantil: é por isso que a criança não pode estabelecer um contato verdadeiramente recíproco com o adulto, porque fica fechada no seu eu. [...] No tocante às regras morais, a criança intencionalmente se submete, mais ou menos por completo, às regras prescritas. Mas estas, permanecendo, de qualquer forma, exteriores à consciência do indivíduo, não transformam verdadeiramente seu comportamento. É por isso que a criança considera a regra como sagrada, embora não a praticando na realidade. (PIAGET, 1997, p. 53)

As crianças aprendem inicialmente suas obrigações morais pela imposição dos pais ou imposição do círculo social, pois elas não têm compreensão da regra (coação). Aprendem o que é certo e errado por meio da obrigação, não percebendo o porquê de estar certo ou errado. Para que o desenvolvimento da moral ocorra, Piaget (1994) sugere que são necessários espíritos que se interpenetrem e que se relacionem entre si, portanto, em igualdade e com reciprocidade, em realidades que não criem o respeito unilateral, mas sim o respeito mútuo, portanto, a cooperação.

Dessa forma, vemos que a agressividade parece estar ligada ao desenvolvimento da moral na criança, pois a criança que não respeita condutas morais, ou seja, não acata regras e tem dificuldade em controlar suas demonstrações emocionais, pode manifestar-se de forma agressiva. Este estado pode ser fruto de um ambiente coercivo, do aprendizado pela imposição dos adultos ou mais velhos, pela falta de afetividade positiva no ambiente familiar. Portanto, para que a agressividade diminua nessa faixa etária, é necessário proporcionar também à criança o desenvolvimento de condutas morais.

#### 1.4.2 AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A agressividade na criança em fase pré-escolar muitas vezes aparece por fatores como desejo ou posse de um espaço ou brinquedo ou mesmo na busca pela atenção de um adulto. Isso ocorre pelo fato dela apresentar características egocêntricas e ainda não possuir consciência clara das regras sociais impostas pelo ambiente.

Com a entrada na escola de educação infantil, a criança passa a viver em dois microsistemas (família e escola), ampliando a quantidade de interlocutores, com novos contingentes e com aumento da diversidade de exigências do meio social que influirá na aquisição e desempenho de habilidades sociais, as quais podem ser explicitadas na capacidade do indivíduo de apresentar êxito nos objetivos de uma situação interpessoal, permitindo a manutenção ou a melhoria de sua relação com os demais, conforme aponta Silva (2006). Porém, esta nova situação pode gerar conflitos para as crianças, que, diante de sentimento de impotência para resolvê-los ou de insegurança quanto à nova situação, podem manifestar-se agressivamente.

A autora Fante (2005) explica, em sua obra, que existem alguns fatores que podem desencadear a manifestação de comportamentos agressivos no ambiente escolar, que são: fatores internos que dizem respeito ao clima escolar, relações interpessoais e características individuais, e fatores externos que englobam o contexto social, meios de comunicação e família. Há uma forte tendência em atribuir à família e às características pessoais a maior influência sobre esta forma de comportamento e de não dar-se o devido valor às questões da própria estrutura escolar como desencadeadoras da agressividade da criança.

Não descartamos a forte influência da família, mas concordamos com De Marco (2002) ao afirmar que, quando a escola de educação infantil não consegue lidar com a agressividade das crianças, o ambiente pode se tornar altamente propício para o aumento dessa agressividade, pois uma criança que é hostil e rejeitada pelos colegas, poderá se impor sempre de maneira violenta como forma de defesa, ampliando assim o contexto da agressão.

Acrescentamos ainda que a própria escola, da forma como é organizada, pode ser um fator desencadeador de comportamentos agressivos e que, muitas vezes, estes comportamentos refletem uma resistência da criança àquele estado, ou seja, sua forma de manifestar-se demonstrando a inadequação do ambiente escolar aos seus interesses e necessidades.

Segundo Luizzi (2006), o clima hostil empregado por professores, diretores e funcionários da escola, tratando os alunos de maneira coercitiva como forma de manter a disciplina, raramente é reconhecido por esses atores como explicação para o comportamento agressivo dos alunos. Podemos destacar também que as atividades essencialmente pautadas nos desejos dos adultos e não das crianças e em sua individualidade podem provocar comportamentos que levem à agressão, como forma de resistência a um estado que lhes é incômodo.

Os comportamentos agressivos das crianças devem ser identificados pelos professores e tratados de forma adequada, pois é observado comumente que castigos e ameaças verbais podem ser percebidos pelas crianças não como uma punição, mas como forma de se receber atenção dos pais e professores por seus comportamentos agressivos inadequados. Sendo que, nesses casos, as ações tomadas não são punitivas, mas sim reforçadoras, conforme destacado por Silva (2006).

Alguns estudos como Ormeño (2004), Silva e Del Prette (2003), Silva (2006) e Luizzi (2006) demonstraram que uma das formas de mudar o comportamento agressivo das crianças é por meio de intervenções salientando um modelo positivo, de respeito e relacionamento afetivo com as crianças, contrapondo-se às maneiras de se lidar com a agressão através de sanções ou punições de forma coercitiva no relacionamento professor-aluno.

Durante pesquisa de campo essa expressão ficou clara quando um dos alunos de 02 anos mordida conseqüentemente a todos os colegas e empurravam, nesse exato momento a educadora ao invés de puni-lo aplicou uma atividade onde todos tinham que abraçar uns aos outros e principalmente o colega que estava tendo o mau comportamento, com isso o mesmo acalmou se e parou de ter atos inadequados.

As crianças que são agressivas com seus colegas são rapidamente rejeitadas, e os colegas passam a se comportar de maneira desconfiada, aumentando a probabilidade de reações agressivas, o que só é agravado com o manejo comportamental inefetivo dos professores, que pouco encorajam os comportamentos positivos da criança e punem excessivamente os comportamentos tidos como “indesejáveis”, podendo até expulsá-la da sala de aula. Isto pode ocorrer porque crianças desobedientes e com comportamentos “indesejáveis” desenvolvem relacionamentos pobres com os professores e conseqüentemente, recebem menos suporte dos mesmos. (SILVA e DEL PRETTE 2003, p. 96).

Em relação às questões de agressividade na escola, Rufino (2006) ressalta que o trabalho não deve ser individual, mas feito pelos gestores, funcionários e professores, a fim de discutirem e decidirem que

postura ou atitudes de prevenção tomar frente a estes possíveis conflitos que acontecem nas relações escolares.

Diante de tais posicionamentos sobre a agressividade na educação infantil, acreditamos que a disciplina Educação Física deve também estar alinhada com a busca de possibilidades pedagógicas para a minimização desse problema, pois a aula de Educação Física se mostra para os alunos como momento de alegria e euforia pela liberdade com que ficam expostos e, conseqüentemente, pelo contato com as outras crianças que são estimulados. Sendo assim, segundo De Marco (2002, p. 40), a Educação Física “[...] se torna muito importante para o desenvolvimento de uma criança saudável, pois através das brincadeiras e dos jogos a criança externa simbolicamente vários sentimentos que ela não pode externar na realidade.”

Pode se notar através da pesquisa em campo que jogos, brincadeiras, danças apresentações de dança, ajudam as crianças desenvolverem seus intelectos, essa afirmação fez real quando algumas crianças se destacaram entendendo através de brincadeiras lúdicas sobre regras de convivência, através de apresentações em datas comemorativas desenvolveram memória, movimentos e sincronia entre outras tantas.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Na busca de uma melhor compreensão deste tema fez-se uma pesquisa de campo, realizada em um em um Cmei Centro Municipal Educacional Infantil localizado em um bairro de classe social baixa na cidade de Aparecida de Goiânia Goiás, Os dados coletados, junto à professora e alunos na faixa etária de crianças de 2 a 5 anos, são apresentados seguidos de interpretação fundamentada em teóricos estudados. Fez se um trabalho junto as crianças de dois anos, com intuito de que entendam sobre regras e disciplina através de atividades diária em sala de aula, foi possível perceber problemas de comportamentos, e difícil aceitação de regras, um deles aconteceu quando uma criança segura firme uma bola em atividade de passar a mesma para o colega, entendendo que apenas estar segurando a bola para ela era bom não aceitando de forma alguma passar adiante, verificou se a difícil aceitação de limites e tempo, com isso foram aplicadas novos métodos para tentar contornar o problema, um deles aconteceu quando a professora mostrou que a bola e para ser jogada e que jogar com o amigo respeitando seu espaço e tempo, pedindo desculpas, caso tropece no colega ou machuque, e no ato do desejo de querer o brinquedo que esta com uma outra criança que se faça o uso de palavras mágicas como: Me empresta, obrigada, por favor fazem toda diferença entre as crianças deixando que surja tantos conflitos entre os mesmos, entendendo assim sobre a vez de cada um e contagem de tempo para cada situação vivida no ambiente escolar, através de rotina onde o educando sempre se expressava com a frase \_\_Agora e tempo disso ou aquilo e acabou o tempo dessa atividade, agora e a vez do outro, verificou se que com essas dicas de professores psicopedagogos dentro do ambiente escolar fez toda a diferença no dia a dia das crianças, os tornando mais calmas e aceitando mais regras e limites.

Percebeu se com isso houve entendimento entre a criança e seus colegas fez se entender que brincar em grupo e bom fazendo com que a criança desenvolvesse sua capacidade de entendimento de tempo para cada situação vivida no ambiente escolar através de uma rotina diária que fez se necessário

### 2.1 PORQUE O MAU COMPORTAMENTO INFANTIL

Paciência é um atributo pessoal que também se aprende. A irritação e a frustração de um Adulto diante das eventuais ações de Crianças mau comportadas, tendem a agravar esse mau hábito, criando assim um verdadeiro Círculo Vicioso que perpetua a coisa. Esse pequeno episódio, talvez comum na vida de muitos, bem que poderia servir como ilustração.

Notou se ainda durante pesquisa em capo que quando o professor e despreparado e ele acaba ficando mais estressado que o que não e, muitas vezes se senti mais perdido em meio a situação do que a própria criança, com isso entende se que e necessário entender que o aluno e aquilo que ele conseguiu ser até ali e que o educador está ali para lhe orientar e ensinar.

### 2.1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MAU COMPORTAMENTO INFANTIL

Faz-se necessário entender que criança nenhuma aprende alguma coisa, o que quer que seja, sem uma fonte que possa lhe servir de referência. Essa fonte pode ser um adulto, um irmão mais velho, a televisão, etc.

Engana-se quem considera aprendizado apenas as coisas úteis. Vale esclarecer que instrução, que é o meio pelo qual se aprende qualquer coisa, pode ser negativa ou positiva, e tudo isso é material cognitivo na mente imatura de uma criança. Informação cognitiva pode ser coisa inútil, ou útil, e tudo isso é instrução, orientação, sugestão de como fazer.

Temos como exemplo os jovens, ou mesmo adultos, muitas vezes supostamente já esclarecidos, e ainda assim vulneráveis às correntes negativas, ainda sujeitos aos condicionamentos deformados, como os vícios pelas drogas, pelo jogo, e outros desvios morais. Agora imagine a mente de uma criança, um terreno vazio, sem discernimento algum, um livro com suas páginas ainda em branco, onde se pode escrever qualquer coisa.

Maus hábitos se aprendem primeiramente em casa, e depois são aperfeiçoados na rua. Sem predisposição para a coisa, o processo não vai adiante. Assim, tendo o exemplo, a sugestão, a referência, a incitação que surge ao seu redor, logo encontrará na rua o apoio que precisa para dar continuidade à prática na qual já foi iniciado.

Pais que não se posicionam abertamente contra um mau hábito diante dos seus filhos, sendo que eles próprios precisam servir de exemplo, também, de forma indireta, estão apoiando os desvios comportamentais. Se a ideologia praticada em nossa casa, pelos nossos pais e irmãos mais velhos não for coisa construtiva, logo, o mundo lá fora se encarregará de contaminá-las com suas idéias e posturas absurdas.

Com bom exemplo em casa, e nesse caso as palavras só não basta. Bom exemplo significa boa ética e atitude pessoal, firme posicionamento contra as deformações sociais e manias bizarras, e a presença diária no convívio com os filhos. Diante de tudo isso, eles estarão encapsulados, blindados, contra o forte assédio das influências negativas que brotam de todos os lados, na sociedade patológica onde vivemos.

## 2.2 A Disciplina Como Forma Educativa

O problema de indisciplina é um dos principais obstáculos enfrentados pelo professor em sua atuação através de estudos de campo, em observações diárias, notou-se que um dos maiores problemas enfrentados quando se trata de indisciplinas na educação infantil, está em primeiro lugar na falta de preparo dos professores para atuar na área.

Segundo Weisz (2006, p.94), Como um observador privilegiado das ações do aprendiz, o professor tem condições de avaliar o tempo todo, e é essa avaliação que lhe dá indicadores para sustentar sua intervenção. Mas isso é diferente de planejar e implementar uma atividade para avaliar a aprendizagem.

Temos visto professores que saem de um curso superior sem nenhuma noção da realidade que vão enfrentar, conseguem passar em uma prova teórica com facilidade porém na hora de assumir uma turma não possuem agilidade, criatividade, ou uma base sólida para se empenhar e pesquisar sobre cada caso que ele enfrenta em seu dia a dia. Nota-se que a ausência de um bom planejamento a falta de material didático específico, e falta de especialização somando ao tom de voz adequado para cada fala, tanto em geral, tanto quando se dirigir em particular para alguma criança em especial, porque a criança consegue identificar e entender com facilidade qualquer conduta imposta pelo educando que falar com tom de voz firme, com postura correta olhando nos olhos da criança de preferência a mesma altura dela, torna-se essencial para o entendimento da criança na educação infantil quanto manter a disciplina dentro de um contexto escolar. Costuma-se compreender a indisciplina, no meio

educacional, como a manifestação de um indivíduo ou de um grupo com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação. Como também na incapacidade do aluno em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados.

Em sentido didático, representa a maneira de agir do educando, no sentido de cooperação no desenvolvimento das atividades escolares e respeito pelos colegas. (NERECI Citada em Giancanterino, 1989, p.25).

Foi visto que o comportamento da criança tem se modificado com o passar do tempo e que um dos fatores que muito tem preocupado a escola e a sociedade, e à falta de limites evidenciada desde o início da infância. Tanto em casa quanto na escola o fator mencionado interfere de forma negativa dificultando a relação entre o adulto e a criança. Percebeu-se ainda que crianças que os pais não têm um diálogo diário, que não as acompanham em rendimento escolar crianças que os pais não participam de uma religião, ou de pais separados têm mais dificuldades em assimilar e entender as normas e regras, e o respeito para com os colegas, tornando-se crianças mais difíceis de lidar e de se comunicar.

Dessa forma, todo o estudo teve como objetivo estudar e analisar como o professor está lidando com a falta de limites por parte dos alunos de Educação Infantil, para que se possa evidenciar alguns aspectos inerentes à postura do professor que devem ser valorizados para evitar este tipo de problema. Para atender a esse propósito, além de pesquisas bibliográficas foi realizada uma coleta de dados com 11 professoras, com faixa etária de 26 a 37 anos, que atuavam em escolas da rede Municipal de Aparecida de Goiânia Goiás. O instrumento utilizado foi um questionário com cinco questões abertas, que foi aplicado no próprio ambiente escolar em forma de entrevista dirigida, e observações diárias por ser uma pesquisa feita através de relato de experiência.

Os resultados indicaram que existe uma falta de preparo do professor muito grande quanto ao tema indisciplina na educação infantil, a falta de atividades que incluam comportamentos e convivência, além da falta de apoio e acompanhamento dos pais quanto ao comportamento de seus filhos o qual ocasiona a indisciplina.

Reconhecemos que a maneira que tem sido conduzida, a forma de tratar a indisciplina nas Escolas e CMEIS (Centro Municipal de Educação Infantil) tem sido quase todas um fracasso, professores despreparados, falta de ambiente adequado, a falta de voz a falta de diálogo e entendimento do educador com o educando tem sido um dos grandes fatores para esse fracasso, percebemos nos últimos tempos ainda a falta de limites que alguns pais não conseguem dar aos seus filhos, pais e professores despreparados para uma nova realidade tem se tornado um grande fracasso em torno do assunto, muitas vezes o professor despreparado sem uma formação continuada ou experiências anteriores como um bom estágio participativo pesquisas diárias, sobre toda e qualquer dificuldade que venha a surgir. Dessa forma Conclui-se que ensinar e manter, regras, limites e convivência é necessário desde a educação infantil com atividades diárias sobre o assunto para que o aluno aprenda a ouvir e respeitar o professor aprendendo a conviver com os demais colegas evitando situações de manipulação e conflitos entre outras crianças e entre o próprio educador, entendendo assim a relação aluno e professor para que predomine no ambiente escolar uma boa vivência e tranquilidade.

Com isso alguns professores se deixam levar por uma certa forma de manipulação do aluno que ao perceber que o professor está despreparado para tal realidade ele se impõe com birras, choros e até agressões. que força o professor a atender suas vontades sem respeitar os papéis que estão sendo desempenhados.

### 2.2.1 A função do psicopedagogo no ambiente escolar

Temos visto muitos educadores elegendo o aluno-problema como obstáculo para o trabalho pedagógico. A psicopedagogia veio exatamente para isso ajudar o profissional da educação entender que esse aluno não é um empecilho e sim um desafio para uma nova forma de educar, com uma análise diferente sobre cada caso.

Segundo Oliveira (2005, p.21). Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio

comportamento: ele não aproveitará quase nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo.

O processo de aprendizagem pode ser positivo, prazeroso e eficaz, mas, por outro lado, o inverso pode ocorrer, e o aprender torna-se uma dificuldade e um desprazer. É precisamente pela aprendizagem que o ser humano se constrói. O papel da Psicopedagogia e da Educação é o de instituir caminhos entre os opostos que liguem o saber e o não saber e estas ações devem acontecer no âmbito do indivíduo, do grupo, da instituição e da comunidade, visando à aprendizagem e, portanto, é também tarefa da Psicopedagogia. A escola mudou com o passar dos tempos. Novas tecnologias e metodologias ingressaram no cotidiano escolar. Professores e planos de curso tornam-se defasados, necessitando de atualização.

A Psicopedagogia tem por objetivo compreender, estudar e pesquisar a aprendizagem nos aspectos relacionados com o desenvolvimento e ou problemas de aprendizagem. A aprendizagem é entendida aqui como decorrente de uma construção, de um processo, o qual implica em questionamentos, hipóteses, reformulações, enfim, implica um dinamismo. A Psicopedagogia tem como meta compreender a complexidade dos múltiplos fatores envolvidos neste processo (RUBINSTEIN, 1996, p. 127).

Paradigmas ultrapassados ou esgotados perdem espaço para paradigmas emergentes ou inovadores - o que não diminuiu consideravelmente o compartimento e isolamento da escola em relação à realidade de cada educando. Muitas vezes desmotivado e amedrontado pela reprovação, num local em que as necessidades individuais de aprendizagem não são atendidas. É neste contexto atual que o Psicopedagogo conquista espaço.

Uma observação minuciosa e uma escuta atenta sem "pré-conceitos", assinalada pela imparcialidade, pode detectar a real problemática da instituição escolar. "Esse é o papel do psicopedagogo nas instituições: olhar em detalhe, numa relação de proximidade, porém não de cumplicidade", afirma Césarís (2001); facilitando o processo de aprendizagem.

Neste sentido nota-se que se faz cada vez mais necessário à inserção do psicopedagogo dentro do âmbito escolar, já que seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição.

Notou-se neste contexto que o principal papel do psicopedagogo é de observar o indivíduo como um todo desde a coordenação motora ampla, aspectos sensoriomotor, dominância lateral, desenvolvimento rítmico, desenvolvimento motor fino, criatividade, evolução do traçado e do desenho, percepção espacial e visiomotora, orientação e relação espaço temporal, aquisição e articulação dos sons, aquisição de palavras novas, elaboração e organização mental, atenção e coordenação, bem como expressões, aquisição de conceitos e, ainda, desenvolvimento do raciocínio lógico matemático. Deve também possuir habilidades para diagnosticar e propor soluções assertivas, às causas geradoras de conflitos entre o aluno e o professor, ter habilidades e competências para a escolha de ferramentas e de técnicas que possibilitem a melhor aprendizagem como o melhor aproveitamento do tempo, promovendo ganhos de qualidade e melhorando a produtividade do aluno e do professor. O psicopedagogo deve saber integrar objetivo, ação e resultado, assim agregar tudo o que possa fazer o rendimento cada vez melhor do aluno em seu espaço de tempo e sua sala de aula e que procurem o bem comum de uma coletividade.

A importância da psicopedagogia já vem sendo notada por muito seja ela dentro das escolas, hospitais e empresas. A aprendizagem deve ser olhada como a atividade de indivíduos ou grupos humanos que mediante a incorporação de informações e o desenvolvimento de experiências, promovem modificações estáveis na personalidade e na dinâmica grupal as quais revertem no manejo instrumental da realidade.

Cabe ao psicopedagogo avaliar o aluno e identificar os problemas de aprendizagem, buscando conhecê-lo em seus potenciais construtivos e em suas dificuldades, encaminhando-o por meio de um relatório, quando necessário para outros profissionais, psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista, etc.. Pain sustenta que (1985,p.13)

O olhar psicopedagógico tem que buscar as respostas para então propor, investigar, indagar. Não são respostas simples de serem defrontadas, contudo pode ser possível encontra – las

O profissional da Psicopedagogia é o intermediador entre o educando e o educador, a fim de manter sempre o propósito de uma aprendizagem que possibilite a interação entre as duas partes. Ele propõe e auxilia no desenvolvimento de projetos favoráveis às mudanças educacionais, visando à descoberta e o desenvolvimento das capacidades da criança, bem como pode contribuir para que os alunos sejam capazes de olhar esse mundo em que vive de saber interpretá-lo e de nele ter condições de interferir com segurança e competência. Pode então perceber o quanto o psicopedagogo é importante na instituição escolar, pois este profissional estimula o desenvolvimento de relações interpessoais, o estabelecimento de vínculos, a utilização de métodos de ensino compatíveis com as mais recentes concepções a respeito desse processo. Procura envolver a equipe escolar, ajudando-a a ampliar o olhar em torno do aluno e das circunstâncias de produção do conhecimento, ajudando o aluno a superar os obstáculos que se interpõem ao pleno domínio das ferramentas necessárias à leitura do mundo.

### 2.2.2 A atuação do psicopedagogo quanto avaliação

Na tentativa de tentar entender o quanto e importante a atuação deste profissional para a instituição escolar, optou se por apresentar uma das atividades realizada pelo psicopedagogo no Cmei Centro Educacional Municipal publico, por meio de observações feita em forma de identificação sobre uma ficha que aponta seus aspectos:

#### **IDENTIFICAÇÃO**

**NOME:** P.S.A

**IDADE:** 02 ANOS

**QUEIXA PRINCIPAL:** O aluno não se interessa por nenhuma atividade proposta

**ASPECTOS AFETIVOS:** O aluno morde com frequência todos os colegas e os empurra, não apresentando nenhuma forma de apreensão quando colocado no cantinho, ou quando a educadora conversava com o mesmo tentando o fazer entender que aqueles atos são incorretos e que não é bom.

**ASPECTOS PSICOMOTORES:** Sente uma grande dificuldade em trabalhar com blocos de encaixe não consegue encaixa-los seus movimentos são comprometidos na coordenação motora fina, e sua capacidade de controlar pequenos músculos para a realização de habilidades finas a concentração, e muito difícil conseguir com que o aluno sente se junto com os colegas, sua organização dos movimentos e coordenação visuo-motora são ainda muito comprometidos, e não se concentra por nada. A menos quando esta no banho que a parte que mais gosta

**ASPECTOS ORGANICOS:** E uma criança que ainda usa fralda porem se sente muito incomodado quando faz coco ou xixi tem que ser trocada o mais rápido possível, se incomoda com o a situação porem ainda não demonstrou nenhum interesse em usar o vasilho para crianças, que a maioria dos alunos já utilizam. Adora tomar banho.

**NÚMEROS DE ENCONTROS:** 20 encontros; 8 encontros para anamnese, 02 para ficha de queixa; 10 para atividades com o aluno

**DESENVOLVIMENTO:** Durante a avaliação a criança não demonstrou nenhum interesse em efetuar as atividade propostas

**ENCAMINHAMENTOS:** Não foi recomendado nenhum tipo de encaminhamento, por ser notado que a criança ainda tem dois anos de idade e passa por um momento difícil de separação de seus pais, nada amigável, o que está atrapalhando muito o desenvolvimento da mesma, os pais foram convocados para uma conversa com a psicopedagoga e a direção da escola, explicado a situação e a necessidade da atenção dos dois naquele momento. Com isso o aluno continua sendo acompanhado por um psicopedagogo.

### **CONSIDERAÇÕES DO PSICOPEDAGOGO:**

Durante o atendimento a mãe mostrou se bastante preocupada com o filho, porém admitiu que estava impedindo o relacionamento do mesmo com o próprio pai devido a mãe não esta aceitando a separação, o pai informa que tem sido impedido varias vezes de visitar e acompanhar o filho por parte da mãe. Recomendou - se que os dois entrem em um consenso, devido a criança não ter culpa de nada que está acontecendo entre seus pais, o pai e a mãe foram informados que suas atitudes estavam prejudicando muito o desenvolvimento da criança foi dado um certo prazo para que a mãe e o pai se definam em tempos para ficar com a criança e tentar se resolverem, com isso foi informado ainda que a criança continuara sendo acompanhada por um psicopedagogo.

O psicopedagogo e um profissional capaz de identificar, e lidar com diversas situações que possa vir estar prejudicando o desenvolvimento do aluno.

O fracasso escolar pode ocasionar problemas sociais , que também perpassem por esta trajetória e até exclusão social.

Ser um profissional da psicopedagogia e deter de dados científicos capaz de articular de várias áreas envolvidas nos processos do aprender.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo ora apresentado e resultado de uma pesquisa de campo, realizado na prática com professores e alunos de Educação Infantil em um Cmei Centro Educacional Municipal, de Aparecida de Goiânia Goiás de um bairro de classe baixa, acompanhado de estudos de diversos teóricos analisando assim a indisciplina na educação infantil, e meios para sanar tais dificuldades. Ao analisarmos o assunto concluiu se a importância do psicopedagogo dentro do ambiente educacional infantil para auxiliar e detectar problemas de disciplinas fatores, e soluções. Diante de um percurso em que a criança esta na idade do saber, entender e repetir gestos que presencia, tendo em vista que é uma das melhores fase para se começar a por em pratica a disciplina, para o entendimento da criança através de atividades, conversas, jogos e brincadeiras.

Tendo como objetivo geral, elaborar um conjunto de elementos para a representação de um tema bastante complexo nos últimos tempos que e a indisciplina na educação infantil. Diante destes estudos ficou constatado que o professor deve demonstrar ter confiança no que faz, ter interesse em seus alunos sempre, buscando compreende-los dentro de seu entendimento, suas capacidades e limites de conhecimento. Porque o aprendizes só faz o que sabe fazer até aquele momento cabe ao educador faze-lo entender e aprender como se relacionar com os demais colegas. Entendendo assim que buscar meios de fazer com que os alunos entendam e pratique a disciplina por meios de uma rotina diária e algo necessário que pode ocorrer, com premiações para os que se destacarem com bons comportamentos entre outros meios. Esta pesquisa indicou ainda que a relação com pais e família e algo insubstituível, que faz com que a criança reflita em qualquer ambiente que ela vá, é o primeiro no qual a criança tem contato com a sociedade, são os centros educacionais.

Para Piaget (1994), o indivíduo passa por estágios distintos em relação a sua vida. Ao nascer, a ausência de normas e regras define a anomia. À medida que a criança cresce, na infância, ela recebe às regras dos adultos, família, professores e outros, caracterizando a heteronomia. Em síntese, Piaget

aborda o desenvolvimento moral do ponto de vista da mudança na cognição e se preocupa em descobrir de que forma as experiências sociais propiciam a base para uma ampliação da perspectiva a respeito da autoridade e da justiça social. Portanto, pode-se considerar que cada linha teórica tem uma contribuição relevante para esclarecer os diferentes aspectos englobados

Portanto fez se necessário criar normas, regras, limites, tempos, combinados, sempre em toda atividade proposta juntamente com os alunos e professores para serem cumpridas e as que não forem respeitadas cabe ao professor, saber estabelecer um diálogo para saber o porque, e adapta-las. Ficou ainda claro que não é apenas o professor que deve estabelecer disciplina, mas toda a escola, como também na família, pois é na escola que se ajuda a construir cidadãos do bem, com personalidade, onde aprendem a limitar seus instintos e entender sobre os mesmos. Em vista que ao observar as atitudes de uma das crianças de dois anos que demonstrou muito inteligente ao aprender coreografias de apresentação em datas comemorativas, aprender a cantar as cantigas educativas que lhes foram ensinadas em sala de aula, porém não conseguia de forma alguma aceitar regras e horários, sua mãe foi convocada para participar de uma conversa com a professora psicopedagoga, e ficou constatado que essa mãe não dialoga com sua filha e não o sabe fazer. Com isso a psicopedagoga e professora tentou lhe explicar como ter um diálogo com sua filha para que entenda que é necessário que sua filha entenda o que é, e porque obedecer a professoras e regras. Ficou constatado que na idade de dois anos e uma das melhores fazes para se aplicar regras e limites, devido a criança estar na idade dos instintos mais impulsivos e com isso necessitam correção desde a primeira infância.

#### 4. Bibliografia

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas.NBR 14724: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, nº 2, 1998.

BERGER, K. S. O Desenvolvimento da Pessoa: da infância à adolescência. Rio de Janeiro: LTC editora, 2003.

Bossa 2007 p. 29, 38,53 BOSSA, Nádia. Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 3ª ed. São Paulo: artmed, 2007.

Como educar os filhos em pleno século XXI Disponível em: < <http://www.guiadoscasados.com/como-educar-os-filhos-em-pleno-seculo-xxi/> > Acesso em 10 de agosto de 2016.

Como agir diante do mau comportamento infantil Disponível em: <http://tutores.com.br/blog/como-agir-diante-do-mau-comportamento-infantil/> Acesso em data 18/08/ 2016

CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

DE MARCO, M. C. Agressividade na educação infantil (crianças de 0 a 6 anos): um estudo de revisão bibliográfica. TCC, Campinas – SP, 2002.

Lisboa (2006, p. 55, 5) LISBOA , A.M.J A Primeira Infância e as raízes da Violência. Brasília: LGE Editora, 2006.

LUIZZI, L. Prevenção de comportamentos agressivos entre pré-escolares : uma proposta de capacitação para professores. 2006. 127f. Dissertação (Mestrado), programa de PósGraduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2006

MACEDO, Lino de. Ensaios construtivistas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NERECI Citada em Giancanterino, 1989, p.25. NERECI, I.Didatica:uma introdução,São Paulo:Atlas,1989.

ORMEÑO, G.I.R. Intervenção com crianças pré-escolares agressivas: suporte à escola e à família em ambiente natural. 2004. 88f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2004.

Parrat Dayan, Silvia. Como enfrentar a indisciplina na escola. São Paulo Contexto, 2008

PASQUALINI, J. C. O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin. In: MARTINS, L. M; DUARTE, N (org). Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010a, Cap. 9, p. 161-191. Disponível em <http://books.scielo.org>- acesso em 29 agost. 2016

Pain sustenta que (1985,p.13) PAIN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem, tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. O Julgamento Moral na Criança. São Paulo: Mestre Jou, 1977.  
Piaget (1977 P.53)

Piaget (1994)

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Tradução Elzon L. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

PORTO, Olívia. Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 2 ed. Rio de Janeiro: Walk Ed., 2007. p. 110

PATTERSON, G.R. Coercive family processes. Eugene, O.R.: Castalia, 1982.

Gonzáles Mena Janet, Fundamentos da Educação Infantil ensinando as crianças em uma sociedade diversificada – 6º edição: AMGH editora, 2015

OLIVEIRA, Maria Izete. Indisciplina escolar: determinações, conseqüências e ações Brasília: Líber livro, 2005.

PORTO, Olívia. Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 2 ed. Rio de Janeiro: Walk Ed., 2007. p. 110

SHAFFER, D. R. Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

RUFINO, Zilda Lopes Dinis. O cotidiano escolar e a agressividade : memorial de formação.-- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

RUFINO, Z.L.D. O Cotidiano escolar e a agressividade. 2006. 24f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF). Americana, SP, 2006.

SALGADO, Roseli Helena de Souza; SOUZA, Rosilda Silvio. Metodologia e Prática do Ensino de Educação Infantil. Unisa Digital, 2012. Disponível em: [www.unisa.br](http://www.unisa.br) >. Acesso em: 30/08/2016

SILVA, A.T.B.; DEL PRETTE, A. Problemas de comportamento: um panorama da área. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. ABPMC – Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, São Paulo, v.5, n.2, p. 91-103, julho/dez, 2003.

SILVA, D.R. Agressividade em crianças: um estudo em contexto educacional pré-escolar. 2006. 79f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, 2006.

Silvia Parrat-Dayan fala sobre indisciplina na escola disponível em <<http://gestaoescolar.org.br/comunidade/silvia-parrat-dayan-fala-indisciplina-escola-623809.shtml>>. Acesso em 01 de julho de 2016

VASCONCELOS, Anselmo Ferreira. Felicidade no trabalho: exame e proposição de algumas variáveis críticas. Revista Eletrônica de Administração, Edição 37, Vol. 10, 2004. Disponível em: [http://www.read.ea.ufrgs.br/edicoes/pdf/artigo\\_14.pdf](http://www.read.ea.ufrgs.br/edicoes/pdf/artigo_14.pdf). Acesso 28 agosto de 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEISZ, Telma. O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006. Segundo Weisz (2006, p.94),

WEISZ, Telma. O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2002.

Artigo apresentado como um dos requisitos para obtenção do título de Pós Graduação em Psicopedagogia na faculdade Fael.

Goiânia, \_\_\_\_\_ de outubro de 2016.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup> Orientadora Ana Maria Soek (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup> \_\_\_\_\_ Faculdade Fael

---

Prof<sup>ª</sup> \_\_\_\_\_

Faculdade Fael

